PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: AVALIAÇÃO COMO UMA PRÁTICA CONSTANTE.

Felipe Casonato Lourenço[1]

RESUMO: O presente estudo trata a respeito da avaliação como parte do processo ensino aprendizagem nas aulas de Educação Física. Nesse sentido, faz-se necessário que esse assunto 'avaliação' seja amplamente discutido, para que se possa aprofundar cada vez mais nessa temática e assim ocorra a quebra de paradigmas a respeito da avaliação a partir do rendimento físico do aluno, herança do tecnicismo nas aulas de Educação Física e seja ressignificada a concepção de avaliação como processual e não apenas do resultado final, sendo parte de todo o processo ensino aprendizagem do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Avaliação Formativa; Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Historicamente a Educação Física foi entendida apenas como o fazer para benefício do corpo, deixá-lo mais forte, saudável e resistente para a vida cotidiana. Foi no século XIX que esses princípios da Educação Física se constituíram mais fortemente, o corpo aparece como força de trabalho, devido à expansão do capitalismo, força de trabalho humana como ponto principal para o crescimento econômico. Juntamente a esse momento, a educação do corpo deixa de ser familiar, ou seja, centrada nas famílias mais abastadas e passa a ocorrer nas escolas publicas, devido aos ideais liberais da descentralização da educação do corpo para toda a sociedade.

Dessa maneira, a Educação Física entra no âmbito escolar, tendo o objetivo de tornar o sujeito mais forte, saudável e ágil em forma de exercícios físicos para assim vender a sua força de trabalho à sociedade capitalista. Portanto, ocorre o processo de biologização do corpo, com base positivista, em que "O homem deixa de ser explicado pelas relações sociais que mantêm (homem antropológico), para ser conceituado a partir dos pressupostos biológicos." (PALMA et. al 2010, p.39). A Educação Física fica com bases nas ideias capitalistas vigentes, cuidados com o

[1] **Licenciado em Educação Física, Universidade Estadual de Londrina, fecalo10@hotmail.com.**

corpo, higiene pessoal e a ginástica são evidenciados para formar o sujeito social, uma vez que através do corpo se fortalece o físico e a moral do sujeito, sendo essa a justificativa social da Educação Física na escola.

Por volta dos anos 40, a SEED/PR (2008, p. 40) coloca que começaram a ser desenvolvidas as bases de organização, com as aulas de Educação Física com caráter de rendimento, sendo o esporte na escola encarado como um celeiro de atletas e a prática de atividade física obrigatória nos níveis escolares.

Em 1961 foi criada a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei que colocava a Educação Física de forma tecnicista, como área de atividade e utilitarista, sendo todo o processo ensino aprendizagem do sujeito focado apenas no físico e biológico. No paradigma tecnicista, o conhecimento dos alunos era avaliado de acordo com o seu resultado, ignorando a avaliação de todo o processo, tendo ênfase apenas no saber fazer, no rendimento do aluno dentro do conteúdo estudado no momento. Segundo Mendes e Mendes (2010) a avaliação dos alunos nesse período “tinha caráter mais quantitativo e era realizada através de testes que analisavam a aptidão física e o desempenho técnico, já que a prática pedagógica era voltada para desenvolvê-los especialmente através da ginástica e dos esportes.”.

Na década de 70 iniciam-se alguns pensamentos críticos à forma tecnicista de Educação Física, norteados por concepções colocadas por Palma at. al. (2010) como humanistas e filosóficas. São repensadas ações e surgem os projetos como Esportes Para Todos, que não eram voltados ao rendimento. Nesse período, surge a psicomotricidade que entendia a dependência do desenvolvimento cognitivo e motor, compreendida como educação do movimento.

Durante a década de 80, segundo a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (2008), os estudos dentro da Educação Física se fortaleceram, por meio da expansão e da pós-graduação no Brasil, o que possibilitou que muito professores estudassem não apenas aspectos relacionados à biologia e as técnicas, mas também a área de humanas e educação. Diante desse fato desenvolve-se a abordagem sociocultural na Educação Física, ligada ao processo e à produção cultural, tornando-se fundamental que a classe baixa trabalhadora obtenha mais conhecimento.

Com base nesse contexto histórico se faz necessário uma reformulação na educação de forma que,

> A Educação Física necessitava participar do processo de formação do "homem crítico", do qual era imprescindível questionar o suporte teórico, dominado pelas ciências biológicas, na perspectiva da aptidão física e esporte. (PALMA et. al, 2010, p.42)

Observamos que ainda é preciso discutir amplamente as questões da Educação Física, buscando compreender assim como posto por PALMA et.al. (2010, p.43) que "[...] o conhecimento que a Educação Física trata e como esse saber é fundamental para que o indivíduo reflita, explique e se aproprie de sua realidade e atue sobre ela." O entendimento de sua complexidade quanto área de conhecimento e disciplina escolar, passa pela compreensão de que possui um conjunto de saberes que colocados para fins educativos, podem desenvolver habilidades indispensáveis para a cidadania, que auxiliará no desenvolvimento integral em sua compreensão do mundo, reconhecendo-se como um ser que se movimenta, sendo por meio de suas ações que ele pode interferir e modificar o mundo a sua volta.

PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Quando se remete a ação docente pautada pela visão crítica de educação nos voltamos ao ensinar e aprender. Tendo como objetivo a apropriação do conhecimento pelo estudante, superando o simples repasse de informação, uma vez que na visão tradicional aprender tem se resumido em processo de memorização e a execução perfeita de determinado movimento ou habilidade motora, na direção da concepção critica, o aprender é apropriar, assimilar mentalmente e compreender aquele determinado movimento culturalmente construído. Dessa forma o ato de ensinar se caracteriza, segundo (ANASTASIOU, 2003, p. 03) pela

> Prática social complexa efetivada entre os sujeitos, professor e aluno, englobando tanto ação de ensinar quanto a de apreender, em processo contratual, de parceria deliberada e consciente para o enfrentamento na construção do conhecimento escolar, resultante de ações efetivadas na, e fora da sala de aula.

Sendo assim, o ensinar se constitui em uma ação complexa em que o professor proporciona ao estudante condições para que o mesmo desenvolva o conhecimento, a partir de intervenções e problematizações dos conteúdos, fazendo com que o conteúdo tenha sentido e significado ao estudante, e esse consiga correlacioná-los, transpondo-os assim aos muros da escola.

O processo de ensino aprendizagem tem como centro o estudante, que devemos respeitar seus limites emocionais, intelectuais e físicos em determinado momento. Assim, como posto por Morais (1986, p.34) “Ensinar é, sim, uma forma de intervir em vida humanas, mas pelo convite e não pela invasão.”, entendemos que é diferente você convidar o estudante a estudar, viver, pensar e refletir do que impor uma forma de pensar e agir. O ensino é fazer com que o conteúdo seja inesquecível, sendo possível por meio do encantamento do estudante a partir do sentido e significado, ou seja, que ele veja e consiga relacionar o conhecimento com seu cotidiano e realidade social, não sendo excluído de acordo com seu rendimento técnico. O estudante deve saborear o conteúdo, porém não de maneira simplória de prazer, mas como posto por Anastasiou (2003, p.18) “[...] o saber inclui um saber quê, um saber como, um saber porque e um saber para quê.”, havendo assim sentido e significado no conteúdo aprendido.

Desta forma, o ensinar possibilita o pensar do estudante, através da mediação do professor. Essa ação é preparada, planejada, utilizando atividades com estratégias selecionadas para atingir os objetivos traçados previamente. São criadas situações que levem o aluno a desenvolver os processos de construção, elaboração, reelaborar e síntese dos conteúdos, relacionando-os de maneira a tecer uma teia de conhecimentos, em que o conhecimento inicial é reelaborado, possibilitando novas reflexões.

Entendemos que esse processo de Educação formal, não deve se restringir aos muros que cercam a escola, Santos (2012) coloca que o educar está vinculado a outras relações postas socialmente, como a educação que possibilita formar o sujeito para viver em sociedade. A educação é uma ação complexa, que envolve um conjunto de necessidades de um período, e são por meio de valores e costumes passados e reelaborados que o sujeito não apenas reproduz, mas toma consciência, reflete e age no mundo.

Especificamente na Educação Física, o processo ensino aprendizagem tem o objetivo comum de todas as disciplinas, que é de formar o sujeito autônomo, crítico e reflexivo para viver e intervir na sociedade. Contudo, a Educação Física ainda tem o desafio de romper com os paradigmas herdados do modelo tecnicista de ensino, deixando de ser uma disciplina de lazer ou uma mera reprodutora de conhecimento. Na atualidade, a disciplina propõe que o aluno reflita e compreenda sobre todos os seus movimentos, norteada por conteúdos que possibilitem esta ação, sendo assim, o processo de ensino aprendizagem na Educação Física, deverá possibilitar ao estudante a compreensão da linguagem corporal por meio do movimento culturalmente construído, compreendendo-se de maneira integral, alcançando atitudes autônomas, intervindo na sociedade.

AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Numa concepção crítica de educação física, entende-se a avaliação como parte do processo do ensino-aprendizagem e não apenas em momentos pontuais de final de bimestre, em que o professor necessita pontuar aos alunos para atender as exigências do sistema. Segundo Libâneo (1994, p.198), “A prática da avaliação em nossas escolas tem sido criticadas, sobretudo por reduzir-se à sua função de controle mediante a qual se faz uma classificação quantitativa dos alunos relativa às notas que obtiveram nas provas”.

Na busca de superar a forma tradicional da avaliação, em que os alunos são classificados de acordo com seu rendimento em provas teóricas ou testes físicos o qual são testados apenas o domínio do movimento, uma das possibilidades de avaliar os alunos para favorecer o estudante em sua construção do conhecimento é por meio da avaliação mediadora. Entendendo que:

> “a ação avaliativa torna-se mediadora à medida que focaliza o processo, transformando-se no elo entre tarefas de aprendizagem, e permitindo, ao final de uma trajetória do aluno, a análise global do seu desenvolvimento. Por certo, o olhar do professor precisa acompanhar a trajetória do pensamento do aluno, fazendo-lhe sucessivas e constantes provocações, para poder complementar as hipóteses sobre o seu saber e sobre o seu jeito de alcançar o saber”. (Hoffmann, 1998. p.32)

Um dos pontos importante da avaliação pensada como parte do processo de ensino aprendizagem dos alunos, é não ocorrer exclusão alguma do aluno por conta de seu rendimento físico, por exemplo, não executar um movimento/fundamento de uma maneira padronizada pelo professor. A avaliação deve ter como base as condições daquele aluno como parte de todo o processo, sendo suas peculiaridades, suas limitações e sua condição física. Segundo Veiga (2002),

> "A avaliação, do ponto de vista crítico, não pode se perde ser instrumento de exclusão dos alunos proveniente das classes trabalhadoras. Portanto, deve ser democrática, favorecer o desenvolvimento da capacidade do aluno de apropriar-se de conhecimentos científicos, sociais e tecnológicos produzidos historicamente e deve ser resultante de um processo coletivo de avaliação diagnostica.".

Com esse entendimento, o estudante deve encarar a avaliação como parte do seu processo de formação, e não apenas como um teste que dirá se ele é bom ou ruim naquele determinado conteúdo. Dessa forma o estudante não terá medo da avaliação, mas a entenderá como mais um momento de aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, considera-se o ato de avaliar um processo de análise, discussão, reavaliação e reorganização da ação docente e da compreensão do estudante em relação ao conteúdo. Dessa maneira, avalia-se qualitativamente, e não quantitativamente, pois a construção do conhecimento a partir da reflexão é o essencial para a educação. Considera-se também o erro dos estudantes enquanto uma nova possibilidade de construção de saberes, e não exclui-los pelos seus equívocos.

Dessa forma almejando a avaliação, o

> "ideal seria um acompanhamento da aprendizagem do educando, seria uma pratica de "avaliação processual", como propõe a Lei de Diretrizes Nacionais para a Educação. Processual quer dizer continuam, permanente, todos os dias e todas as horas. Esse seria o ideal para a nossa pratica diária de trabalho escolar. Ela poderia

> também denominar-se “diagnostica”, formativa”, mediadora” ou ter outra designação que indique avaliação de acompanhamento e reorientação do processo, se necessário.”(LUCKESI, 2011)

Portanto, o educando é avaliado no sentido de ser orientado, buscando a melhoria da qualidade de sua educação e de todo o seu processo ensino-aprendizagem. Após a realização das avaliações e análise dos resultados, o professor consegue ter um *feedback* de sua ação de ensinar, e buscar novas estratégias de ensino caso não tenha ficado claro o conteúdo estudado, levando em conta a realidade em que o mesmo se encontra. Ao professor, caberá sempre ressignificar suas práticas a partir do aprendizado de seus alunos, não deixando a eles o peso do ato de avaliar. O cuidado que o professor de Educação Física deve ter ao avaliar, é de não cair nos paradigmas tradicionais e tecnicistas, avaliando seus alunos pelo resultado, ignorando todo o processo ocorrido durante o ensino daquele conteúdo. Sem dúvidas, uma avaliação processual trará novas dificuldades ao professor na sua elaboração, no entanto fica a responsabilidade de decidir qual tipo de aluno se deseja formar: um aluno que sabe apenas fazer, ou então um aluno que sabe fazer, um saber como fazer, um saber por que fazer e um saber para que fazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTASIOU, L. G. C.. ALVES, L. P.. **Processo de Ensinagem na Universidade: Pressupostos de estratégias de trabalho em Aula.** Joinville, SC: UNIVILLE, 2003. p.11-37.

HOFFMANN, J. **Pontos e Contrapontos:** do pensar ao agir em avaliação. Porto Alegre, RS: Mediação,1998.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI. C. C. **Avaliação da aprendizagem:** componente do ato pedagógico. São Paulo, SP: Cortez, 2011. p. 335-336; 362-373.

MENDES, E. H.. MENDES, J. C. Análise do Processo de Avaliação na Educação Física Escolar a Partir das Tendências Pedagógicas. **Anais do II Simpósico Nacional de Educação / XXI Semana de Pedagogia.** Cascavel, out 2010. Disponível em: <http://cac-php.unioeste.br/eventos/iisimposioeducacao/anais/trabalhos/93.pdf>. Acesso em 07 nov. 2016

MORAIS, R. de. **O que é ensinar.** São Paulo: EPU, 1986.

PALMA, A. P. T. V. et. al. . **Educação Física e a Organização Curricular** – Educação Infantil , Ensino Fundamental, Ensino Médio. Londrina , EDUEL, 2010
PARANÁ. Secretária de Estado de Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica. 2008.**

SANTOS, Gisele Franco de Lima. **Jogos tradicionais e a Educação Física.** Eduel, Londrina, 2012

VEIGA, Ilma Passos da. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos da (org.). **Projeto político-pedagógico da escola:** uma construção possível. Campinas, SP: Papirus, 1998 p.11-35.